

Brasília cresce ou incha?

Aldo Pavani

Normalmente, as cidades crescem verticalmente, sobretudo se há escassez de terras, ou crescem para as bordas, as chamadas periferias geográficas. Mais do que se pensa, crescendo para o alto ou para as periferias as cidades avolumam os problemas para os administradores urbanos. Os desafios a enfrentar pelo gestor da cidade não acabam com o fim de um mandato administrativo. Por vezes, uma administração municipal joga para a próxima gestão as soluções que não enfrentou ou que simplesmente não achou prioritárias.

Em função da urbanização que se efetiva em Brasília, a cidade cresce mais para as periferias pontualizadas no território do DF, deixando para o futuro a possível solução de adensar, verticalizando. A verticalização, segundo alguns desfiguraria o Plano Piloto e citam o exemplo de Taguatinga, onde a incipiente verticalização acrescentou mais um problema ao congestionamento centro dessa satélite.

A dinâmica urbana no DF tem dois poderosos vetores: de um lado, há a pressão populacional, tanto por crescimento vegetativo (estimado em 40.000), quanto por migrações. Diga-se que, com quase 1.800.000 habitantes, a cidade deve receber um acréscimo de, no mínimo, 40.000 imigrantes anualmente. Com isto, supõe-se acréscimo populacional ao redor dos 80.000 ou uma "cidade nova" anualmente. Isto mereceria pesquisas aprofundadas, que confirmariam ou não este cenário.

O outro vetor, queiram ou não, é o da dinâmica econômica. A cidade tem crescido por ter sido atrativa para inumeráveis atividades de serviços e mesmo de produção de certos bens de consumo. É atrativa porque setores econômicos investem não apenas com imedia-

tismo, mas pensando num mercado consumidor (demarcado por diferenças gritantes entre centro e periferias), mas suficientemente forte em poder aquisitivo para vislumbrar retornos significativos para os próximos cinco ou dez anos. Vale lembrar que a metrópole que se estrutura engloba entornos bem povoados, o que torna a área metropolitana de Brasília com algo acima dos dois milhões de habitantes, exagerando 2.400.000. Com o dinamismo dos acréscimos populacionais e da economia, esta cota não deverá ser subestimada por nenhum gestor desta cidade grande.

Por isto, se a terra é propícia ao desenvolvimento da cidade, os demais componentes são desafiadore. Em primeiro lugar, como dinamizar o mercado de trabalho não apenas para os recém-chegados, mas também para os aqui nascidos e que já se habilitam a um posto de trabalho? Ademais, há que se voltar ao planejamento urbano não pontualizado, quer dizer, que possa ver a cidade como um todo, funcionalmente interligado, em termos de morar e buscar bens e serviços que ao longo destas três décadas foram concentrados no Plano Piloto. Neste aspecto, como ficam as cidades-satélites, detentoras de quatro quintos da população? Como descentralizar atividades, reduzindo custos de deslocamentos? Por fim, um desafio gigantesco, sem auto-suficiência financeira e gestão autônoma, quais os custos para tornar viável uma cidade especializada no território, mas cujo centro detém 70 por cento dos postos de trabalho?

Aldo Pavani é professor titular do Departamento de Geografia da UnB e autor do livro *Brasília, Metrópole em Crise* (1985)